

ARTIGOS TÉCNICOS

RELAÇÕES ENTRE AGRICULTURA E INDÚSTRIA: O CASO DAS CONSERVAS DE HORTALIÇAS E FRUTAS NO ESTADO DE SÃO PAULO (1)

Irene J. Einhorn Goldenberg

1 - INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi o de analisar alguns dos aspectos relevantes que explicam a baixa inter-relação nas pequenas e médias empresas entre a agricultura e o setor industrial de transformação de legumes, verduras e frutas no Estado de São Paulo. Essa ação se traduz principalmente nas fontes e no sistema de aquisição das matérias-primas, exigidas pela crescente diversificação da linha de produção nas pequenas e médias empresas e, também, pelas variações estacionais da oferta agrícola.

Dada a importância da indústria de conservas no consumo de matérias-primas agrícolas do tipo altamente perecível, ganha importância a tese de fortalecer esse ramo da agroindústria, sendo fundamental que se tenha uma visão global da problemática da produção desses alimentos (2).

Em 1974, a indústria de conservas de legumes e frutas estava representada no Estado de São Paulo por 119 empresas, cuja contribuição ao valor da produção teria sido da ordem de 1.200 milhões de cruzeiros (em valores correntes), equivalente a 77% do valor total da produção desse setor no país (3).

Ao lado dessa evidente especialização por parte das indústrias paulistas é necessário, contudo, salientar que a atividade desse setor está fortemente condicionada à produção das grandes empresas, muito embora o grupo mais compacto seja representado pelas pequenas e médias empresas. Observa-se no caso que este grupo, representado por 67,2% das unidades existentes, contribui com apenas 5,5% do emprego e 17,1% do valor da produção (3).

No setor de transformação, as conservas preparadas sem vinagre ou ácido acético têm contribuído com o maior valor de produção com 70,0%, cabendo à massa de tomate, à ervilha e à alcachofra as parcelas mais significativas desse montante. Os molhos, temperos e condimentos destacam-se

(1) Trabalho originado do desenvolvimento do Projeto Agroindústria e Desenvolvimento no Estado de São Paulo, BADESP-FEALQ-IEA, 1978

(2) CANTOS, Clotilde et alii. Agroindústria e desenvolvimento no Estado de São Paulo. São Paulo, BADESP/FEALQ/IEA, 1978. v.1

(3) GOLDENBERG, I. J. Einhorn. A indústria de conservas de legumes e hortaliças. (em: AGROINDÚSTRIA e desenvolvimento no Estado de São Paulo : uma análise setorial. v.2. São Paulo, BADESP/FEALQ/IEA, 1978. p.62-74)

logo a seguir, como a segunda maior componente com 19,7%. Neste contexto, as pequenas e médias empresas, com estrutura de produção menos complexa, participariam mais da produção de conservas preparadas no vinagre ou acido acético e de molhos, temperos e condimentos (quadro 1).

2 - METODOLOGIA

Face à necessidade de se traçar um perfil quantitativo do parque industrial de produção de conservas, recorreu-se à utilização de dados contidos no Cadastro de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) relativos ao ano fiscal de 1974. Com base nesse sistema de referência básica, foram selecionados e classificados os estabelecimentos de acordo com o parâmetro pessoal ocupado, ou seja: a) pequena empresa: até 99 empregados; e b) média empresa: de 100 a 500 empregados.

Foram visitados 10 estabelecimentos, tendo sido colhidas informações em apenas 7. As considerações que se seguem apresentam o resultado da investigação.

3 - O SETOR AGRÍCOLA NO QUADRO DE DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Os resultados da pesquisa reforçam uma vez mais a assertiva de que a demanda do mercado interno se constitui na principal estimuladora da produção de conservas no Estado de São Paulo. Esse comportamento típico do setor de alimentos também se verifica para as grandes empresas.

A partir de informações empíricas evidencia-se que no biênio 1976-77 o desenvolvimento da atividade industrial se processou com maior força no setor da produção de molhos e conservas preparadas no vinagre, especialmente aqueles derivados da pimenta. É necessário, contudo, salientar que as diferenças nas taxas de crescimento não indicam que os demais setores não tenham apresentado desempenhos adequados.

Na realidade, na atividade industrial desses estabelecimentos não existe uma fonte única de desenvolvimento. Esta depende de uma variedade de produtos de origem nacional e importada. Entre os produtos nacionais estariam todos os legumes e verduras adquiridos sob a forma "in natura". Entre os importados destacam-se azeitona, cereja, pêssego, ervilha, ameixa, grão-de-bico, feijão branco, etc., todos adquiridos sob forma semiprocessada, exceto os dois últimos, na forma de produtos processados. As

pequenas e médias empresas consomem também produtos industrializados, a exemplo do palmito e das massas de tomate e de mostarda, para a produção de molhos (figura 1).

Do ponto de vista das fontes de aquisição, o consumo de matéria-prima semiprocessada ou processada cria inter-relações com os outros setores da economia que não o da agricultura.

Por outro lado, a prática freqüente de compra de matéria-prima importada beneficia o setor primário do exterior. Isto relega à agricultura paulista papel de fornecedora de apenas algumas hortaliças indispensáveis à linha de produção mais tradicionais.

Quanto ao sistema de aquisição, a prática comum nas pequenas empresas foi a ausência de qualquer tipo de contrato. Nas médias, os contratos, quando existentes, são firmados oralmente, dependendo a sua existência dos acertos das partes.

4 - A BAIXA INTER-RELAÇÃO ENTRE A AGRICULTURA E A INDÚSTRIA

No item anterior ficou constatado que a agricultura paulista não tem sido a única base de apoio para o crescimento da atividade industrial nas pequenas e médias empresas. Esta hipótese foi testada pelas fontes e pelos sistemas de aquisições das matérias-primas agrícolas.

Vários fatores podem ser apontados para explicar a menor interdependência entre a agricultura e a indústria nas pequenas e médias unidades, destacando-se entre eles a do perfil do mercado consumidor e a instabilidade da oferta agrícola.

Já se salientou que as pequenas e médias empresas adotam linhas de produtos bastante diversificadas, ditadas pela própria estrutura do mercado de consumo e de produção. São produtos ainda consumidos por uma faixa restrita do mercado, representada predominantemente por consumidores de alta renda, onde as práticas de uso de bens superiores são comuns, elevando desse modo a demanda por produtos importados. Quanto à produção, a atividade industrial desses estabelecimentos sofre "gaps" operacionais em razão da estacionalidade da oferta agrícola. Desse modo, quanto maior o número de opções, maiores as possibilidades de minimizar o espaço entre os diferentes pontos de equilíbrio, sugerindo que a importação assume igualmente um caráter suplementar. Essa instabilidade tem se constituído em fator altamente perturbador, na medida em que gera pressões sobre as necessidades de capital de giro, usualmente escasso nessas empresas ⁽⁴⁾.

(4) BARROS, F.J.O.R. de & MODENESI, R.L. Pequenas e médias indústrias. Análise do problemas, incentivos e sua contribuição ao desenvolvimento. São Paulo, Instituto de Pesquisa Econômicas/USP, 1973 (Relatório de Pesquisa 17).

Por outro lado, as contínuas e acentuadas flutuações de preços das matérias-primas do tipo perecível induzem freqüentemente a inversões onerosas. O primeiro efeito é a elevação dos custos de produção e o conseqüente efeito sobre o preço final do produto.

Nesse contexto, é indubitável que as cooperativas de compra podem desempenhar um papel potencial muito grande ⁽⁵⁾, isto porque podem permitir aos pequenos e médios industriais operarem a um nível de produção maior e, conseqüentemente, com maior poder de barganha junto aos agricultores. De outra parte, se eles forem capazes de prover crédito e serviços (armazenagem) afins necessários, possivelmente terão minimizado as instabilidades de preço, permitindo uma programação mais eficiente, orientada para os consumidores de outras faixas de renda.

(⁵) THAME, Antonio Carlos de M. & AMARO, Antonio A. Relações contratuais de compra e venda de produtos agrícolas : Anexo I. São Paulo , BADESP-FEALQ-IEA, 1978.

QUADRO 1. - Valor da Produção da Indústria de Transformação de Hortaliças e Frutas, Segundo as Linhas de Processamento e os Tipos de Produto, Estado de São Paulo, 1974

Linha de processamento	Valor da produção (Cr\$1.000)		
	Cr\$	% em relação à linha	% em relação ao total
1. Molhos, temperos e condimentos	236.668	100,00	19,72
Molho de tomate	62.237	26,29	5,18
Molho de maionese	82.155	34,41	6,85
Molho de soja	45	0,01	0,01
Qualquer outro molho	17.212	7,27	1,43
Outros produtos	75.019	31,72	6,25
2. Hortaliças dessecadas, desidratadas ou evaporadas , mesmo cortadas em pedaços ou fatias, ou ainda esma gadas ou pulverizadas, mas sem qualquer outro preparo	4.778	100,00	0,39
3. Hortaliças preparadas ou conservadas sem vinagre ou <u>ã</u> cido acético	841.150	100,00	70,09
Alcachofra	74.488	9,21	6,46
Alcaparra	189	0,02	0,01
Aspargo	33.401	0,39	0,27
Cebola e cebolinha	528	0,06	0,04
Azeitona	22.112	2,62	1,85
Cogumelo	2.972	0,35	0,24
Ervilha	76.279	9,06	6,36
Lentilha	418	0,04	0,03
Massa de tomate	628.702	74,74	52,40
Em mistura	29.122	3,51	2,43
4. Hortaliças em salmoura em água sulfurada ou <u>adiciona</u> das de outras substâncias	967	100,00	0,08
5. Hortaliças preparadas ou conservadas em vinagre ou <u>ã</u> cido acético, com ou sem sal	71.290	100,00	5,94
Azeitona	66.663	93,50	5,56
Picles	1.119	1,56	0,09
Cebolas	15	0,02	0,01
Pepino	929	1,30	0,07
Outras			
6. Preparações alimentícias não especificadas e nem com preendidas em outras posições	45.221	100,00	3,78
Palmito	37.171	82,19	3,10
Milho em conserva	8.050	17,81	0,68
Total	1.200.074	100,00	100,00

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, a partir dos dados do Cadastro de IPI.

